

LIDERANÇA E SUA TÓPICA NO IMAGINÁRIO DOS LÍDERES*

Maria Beatriz Ferreira Lavieri**

RESUMO

O que é um líder na percepção de um líder? Esta é a questão que a autora enfrenta, utilizando um instrumento psicossocial e psicanalítico em bairros populares de João Pessoa. A partir deste marco teórico de análise é possível perceber que as identidades assinaladas não são similares mas contrastantes. De fato, as entrevistas realizadas permitem registrar uma clara contradição entre a identidade do líder no espaço individual-familiar e no espaço social-coletivo em que o sujeito se encontra inserido. Por sua vez, esta contradição parece emergir como elemento novo no estudo das relações entre os movimentos sociais e políticas públicas.

Uma questão – o que é para um líder ser líder? – suscitada no contato com um caso concreto de formação de lideranças de bairro, deu origem às reflexões presentes neste artigo. Não se visa aqui, no entanto, abordá-la no interior do quadro empírico em que se situa – o que vem sendo objeto de uma pesquisa mais ampla em andamento¹. A perspectiva que se esboça neste texto é a de situá-la teoricamente na articulação dos campos problemáticos da **liderança** e da **identidade**.

De todo modo, como referência, cabe dizer que as lideranças em estudo se constituíram junto a uma organização de moradores de um bairro popular de João Pessoa – a Gauchinha. Embora se encontre atualmente desmobilizada, esta organização foi uma das mais atuantes na história das lutas de bairro da cidade, tendo vivido uma fase de significativa força política, com conquistas efetivas para o bairro. Entretanto, mais do que essa conotação combativa – no contexto de uma cidade sem tradição de lutas populares – o que desperta particular interesse é a sua estreita relação com os chamados agentes externos.

* Versão modificada do texto apresentado no IV Encontro de Ciências Sociais no Nordeste (ANPOCS/NE) na sessão temática "Classe, Poder e Representações Simbólicas", em dezembro de 1989.

** Pesquisadora junto ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba.

É interessante observar como, nos doze anos de sua existência, sempre esteve permeada por interesses oriundos de instâncias externas de poder – ora da Igreja, ora dos Partidos, ora do Poder Público, ora de uma composição dessas forças. Não seria exagerado dizer que, nas respectivas conjunturas em que obtiveram hegemonia, a organização tomou a própria feição desses agentes. Essa influência ganha visibilidade em cada conjuntura, nos formatos que assumem suas práticas organizativas e na configuração substantiva de seus líderes.

Os depoimentos² tomados junto aos moradores que estiveram à frente da organização em quatro momentos distintos denotam claramente sua identificação aos modelos citados. Embora tenham surgido lideranças independentes, estas nunca chegaram a compor os quadros de diretoria da organização.

Dentro deste quadro nasceu o interesse de trabalhar a problemática da identidade e liderança, o que, como será tratado a seguir, se articula a um terceiro conceito – o de **identificação**.

Identidade, Sujeito e Lugar da Liderança

Parte-se da idéia de identidade como um construto imaginário que assume contornos diferenciados e muitas vezes contraditórios segundo os diversos referentes de inserção do sujeito no interior do **socius**. Nesse sentido, cabe falar de forma plural em identidades; não havendo uma relação estável e coerente entre as representações imaginárias das posições do sujeito como trabalhador, consumidor, morador de uma área específica, ou participante de um sistema político, seja a nível macro ou micro estrutural (Laclau, 1986)³. Sem desconsiderar essa diversidade, voltemos o foco da observação a um desses referentes locais da identidade – o de sujeitos pensados em seu papel de líderes no seio de uma organização de moradores.

Ao se fazer referência ao lugar de liderança costuma-se cotejá-lo com chefia, comando, condução, encabeçamento, lugar de frente, etc. Tais funções falam desse lugar, permitem nomeá-lo, portanto. Mas fora daí, a questão se complexifica.

Efetivamente, o lugar de líder só ganha objetividade quando ocupado por um sujeito concreto. Necessário se faz, assim, distinguir esse lugar do sujeito que o ocupa. Ao nível imaginário, esses termos se apresentam recorrentemente confundidos. Muitas vezes eles são superpostos, levando o sujeito, que circunstancialmente ali se encontra, a supor-se encarnar – ser ele próprio – o poder. O lugar do líder é certamente um lugar de poder, porém não se pode desconsiderar que, uma vez afastado o sujeito, o estatuto simbólico do poder permanece, dando espaço a que por ele circulem novos sujeitos (Cabag, 1982).

Como observa Pommier (1989), é na medida em que circunscreve uma região simbólica, onde se projetam os ideais de um grupo, que o líder assegura a coletivização desse grupo em torno dele; e é nessa mesma medida que lhe é dado dispor do poder que essa posição lhe oferece. Assim, não é exatamente o sujeito, mas o **traço simbólico distintivo** outorgado por ele que cria o laço, que coletiviza. Distintivo, porque permite ao grupo – ao se reconhecer nesse

significante e não em outro qualquer – ganhar uma identidade grupal que o diferencia dos demais grupos. Conseqüentemente, afrouxada a relação do sujeito com o traço simbólico demandado pelo grupo, afrouxam-se também os laços que o sustentam na posição de líder. Nessa situação, a menos que, para o grupo, o líder não apareça como que encarnando a posição dos ideais, há um enfraquecimento decorrente nos elos de ligação entre os seus membros. Na ausência do líder, só a preservação desse lugar virtual dos ideais (independente do sujeito que o ocupa) dá consistência, sustenta a coesão do grupo.

Tal questão conduz a uma outra, a ser igualmente observada. Por se constituir numa região de poder, o lugar do líder é um campo investido de tensão, permeado por disputas e conflitos de interesses. Isso quer dos sujeitos que o ocupam ou visam a ocupá-lo, ou mesmo dos membros de seu grupo de referência, quer das instâncias externas de poder a que o grupo se articula – como é o caso dos Partidos, da Igreja e do estado em relação às organizações de bairro. Assim, a posição de liderança dentro dessas organizações, a depender do campo de forças do momento conjuntural, apresenta feições bastante distintas não só em relação aos papéis, mas também em relação às próprias identidades dos sujeitos que vêm ocupá-la. Isso aponta para um condição de provisoriedade no interior da organização tanto da função de liderança, quanto da configuração substantiva de seus líderes.

Entende-se aqui que o fato desse ou daquele sujeito emergir como líder não é uma condição passiva, como se a pura posse de atributos lhe conferisse essa função. Sem desconsiderar a influência desses atributos, compreende-se que a condição de líder é algo que se produz, só ganhando efetividade face à oportunidade conjuntural de determinados sujeitos acolherem e agirem à frente das expectativas globais que se encontram em jogo e, mais do que isso, de serem acolhidos, ganharem identidade de líder nessa ação.

Identidade e Identificação: Entre o Uno e o Dividido

É numa dupla face que se constrói a noção de identidade. De um lado como **auto-atribuição**, ou seja, como o conjunto de representações e enunciados tomados pelo próprio sujeito para definição de seu ser perante o mundo. De outro, como **alter-atribuição**, sendo também o conjunto das representações e enunciados pelos quais o sujeito é reconhecido pelos outros (Penna, 1987).

Este estudo, entretanto – por se apoiar numa questão remetida aos próprios sujeitos a que se atribui papel de liderança – está mais particularmente voltado às representações de auto-atribuição.

De todo modo, mesmo do ponto de vista da auto-atribuição, não há como falar em identidade sem referência a um outro. Na realidade, a identidade diz de uma alteridade interna, constitutiva do sujeito. A própria idéia de identidade que se constrói no imaginário do sujeito é desde sempre marcada pelo confronto com o outro; constitui-se, a rigor, num ponto de entrecruzamento do individual com o social.

A psicanálise nos ensina que “é em seu semelhante que o ser humano aprende pela primeira vez a se reconhecer” (Freud in Steffen, 1988). É desse

confronto que surge no sujeito a representação subjetiva de um eu que se diferencia dos outros. Assim, embora o espelho humano seja seus semelhantes, mais do que a noção de semelhança é, sobretudo, a idéia de **diferença** que se instaura na construção da identidade do sujeito (Brandão, 1986).

Nas palavras de Costa (1989) "identidade é tudo aquilo que se vivencia (sente, enuncia) como sendo eu, por oposição àquilo que se percebe ou enuncia como não-eu". A diferença emerge no próprio confronto, por oposição. Assim, é pela negação que se afirma no sujeito a enunciação subjetiva da identidade: "eu sou eu". É o que, em outros termos, está no dito popular: "quem se desmarca, marca".

O que se afirma no sujeito como identidade origina nele uma suposição: a de que algo dele se mantém, dando constância e continuidade aos diversos momentos de sua existência (Mezan, 1988). Isso implica dizer que as representações de si que daí decorrem "são fixadas historicamente como trans-históricas ou como invariantes transculturais" (Costa, 1989). Uma vez reconhecida em si tal ou qual identidade, quaisquer das ações ou enunciados formulados pelo sujeito serão considerados como manifestação dessa suposta essência que constituiria seu ser (Bleichmar, 1985). Essa suposta identidade tem como corolária uma também suposta unidade do sujeito, que transmitiria um significado homogêneo ao campo total de sua conduta. Muitas vezes, o que se origina num julgo de valor, em relação a um aspecto parcial, estende-se até transformar-se num julgo do sujeito.

Assim, se como diz Laclau (1986), não há efetivamente "nenhuma posição de sujeito cujas conexões com as outras posições possam ser permanentemente asseguradas", isso não impede, por outro lado, que ao nível imaginário as conexões sejam pensadas. Isso, não apenas ao nível da visada do próprio sujeito, como da visada daqueles que o reconhecem em sua identidade. Ainda citando Laclau: "não há nenhuma identidade social integralmente adquirida que não esteja sujeita, em maior ou menor escala, à ação de práticas articulatórias" ... Na análise que realiza, Laclau mostra-nos "um duplo movimento com sinais opostos. Por um lado, há uma tendência no sentido de autonomia, da parte de posições separadas de sujeito; de outro lado, existe a tendência oposta em fixá-las, através de práticas articulatórias, como momentos de uma estrutura discursiva unificada".

São as idéias de unidade, continuidade e homogeneidade, idéias essas próprias à construção imaginária da identidade, que vêm a ser questionadas por um outro conceito forjado pela psicanálise: o conceito de identificação. Este conceito é definido por Laplanche e Pontalis (1986), como "um processo mediante o qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo de outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo deste". Assim, diferentemente da identidade, a noção de identificação remete à idéia de **semelhança**. No dizer de Cabas (1982) "trata-se de uma transformação de um sujeito à imagem e semelhança de um outro".

Nesta citação cabe precisar o que se entende por **outro** e pela **transformação** que se opera no sujeito segundo o modelo desse outro. Estes termos são aqui adotados no sentido emprestado por Nasio (1989). Nessa perspectiva,

o outro que se faz modelo para o sujeito não é exatamente a pessoa do outro, mas o que dele se traduz, ao nível de uma representação subjetiva no sujeito. Nesse sentido, o outro pode assumir o aspecto de uma imagem (global ou parcial), de um traço simbólico ou de uma qualidade, um atributo, um valor qualquer. Por outro lado, quando se fala de transformação segundo um modelo, não se trata de pura imitação ou mimetismo animal, e sim de um processo que aponta para algo em comum que se põe em causa. Na realidade, a identificação se efetiva na medida em que há no sujeito uma representação subjetiva que ganha significação, fecha um sentido, ao vir a escorar-se, pela semelhança, à realidade externa do outro, em qualquer de seus aspectos.

Identidade e identificação são, assim, noções distintas, que só podem guardar entre si relações de ambigüidade. A identidade constitui-se e diferencia-se pelo conjunto das identificações (Laplanche e Pontalis, 1986). No entanto, a cristalização do conjunto de identificações no sujeito se, por um lado, organiza as instâncias da identidade, por outro, põe a descoberto a fragmentação e a pluralidade do sujeito, colocando em questão a própria estabilidade da noção de identidade. Ocorre que os modelos identificatórios tomados pelo sujeito são muitas vezes desconexos e incompatíveis entre si. Já que esses modelos só se constituem como modelos por encontrarem referentes comuns no sujeito, sua assimilação aponta para as fraturas e conflitos internos ao próprio sujeito. Tendente, no entanto, a se reconhecer numa unidade que daria sentido global a sua conduta, ao nível imaginário as representações de identidade não se deixam relativizar facilmente. Ao contrário, o sujeito erige uma barreira de proteção a essa unidade e, no sentido de uma síntese, denega sua própria fragmentação em favor de práticas articulatórias.

Para alguns autores a raiz dessa bipolaridade está na linguagem; é inerente a um conflito irredutível presente na ordem simbólica. "O ser falante – como diz André (1987) – só pode ficar conflituado entre esses dois pontos de fuga que a linguagem lhe apresenta, entre o significante da divisão e o da unidade: uma parte do ser escapa, inevitavelmente, e no entanto o sujeito se vê ordenado a fundir-se no ser".

Essas reflexões vêm referenciando a tentativa de articular os campos problemáticos da **identidade** e da **liderança**, onde um impasse teórico-metodológico é permanentemente colocado: o de associar dois termos, em que o primeiro tende a operar como uma espécie de camisa de força em relação ao segundo. Formulando a questão de outra maneira: como não perder de vista a dinamicidade que subjaz à problemática da liderança, cuja lógica aponta para uma condição de provisoriedade, cambialidade, historicidade, ruptura, tensão e conflito, ao lado da lógica da identidade que remete às idéias de unidade, homogeneidade, a-historicidade, permanência e continuidade em si mesmo?

É nesse sentido que articular a temática da identidade de líder a uma terceira noção – a de **identificação** – aparece como um recurso teórico-metodológico que abre caminho na direção de romper com o risco de engessamento criado pela noção de identidade.

Identidade de Líder: Um Objeto em Construção

Ao se ter histórias de vida e de luta política como base de reflexão para

abordar a temática da identidade de líder, entrecruzam-se, em realidade, várias histórias: umas fruto das construções imaginárias de quem as conta, outras das construções imaginárias de quem as lê. Todas, no entanto, marcadas por uma singularidade, que é a singularidade própria de cada imaginário. Cada história, cujo critério de verdade está no imaginário de cada um. Como observa uma das lideranças:

“Tudo o que eu tô dizendo é o que eu acho. As outras pessoas pode achar de outro jeito. Isso não significa que se você encontrar ali na frente alguém que desmintar isso tudinho você diga que eu estou mentindo, porque eu estou dizendo o que eu acho.”

Com efeito, no entrecruzamento do lido e do contado, resta como saldo uma entre tantas possíveis leituras. Como vem sendo sinalizado, não se vê esta leitura como deciframento de algo que estaria pré-posto: uma suposta essência de identidade de líder. Tomando de empréstimo o dizer de Mezan (1986), “considerar que ler é decifrar significa supor que o que é lido tem um sentido intrínseco, que a leitura irá revelar se se dotar dos instrumentos adequados e se o leitor for suficientemente perspicaz ... A leitura não é deciframento, mas trabalho, ou seja, negação determinada de dado imediato e construção de um novo objeto” ...

O objeto que vem sendo construído nesta leitura resulta de uma cadeia de significações próprias a esta mesma leitura – significações estas suscitadas pelos depoimentos dos líderes, a partir de algumas questões particulares que emergem no percurso de análise desses depoimentos.

Pelos depoimentos observa-se, como questão de fundo, que a problemática da liderança está estreitamente ligada às injunções conjunturais. Aparece sempre remetida ao campo de forças e interesses sociais e políticos que se engendram, seja ao nível das macro ou das micro conjunturas que dizem respeito mais diretamente à história do grupo em que o líder está inserido. Pode-se dizer até que essas injunções são a condição mesma para a conformação do espaço das lideranças e para dar mobilidade aos sujeitos que ocupam esse espaço, criando o aparecimento e desaparecimento de líderes.

A razão desta mobilidade está em grande parte associada às identificações que as lideranças assumem a cada situação histórica vivenciada, e que têm como efeito emprestar-lhes uma identidade que pode ou não corresponder aos interesses e expectativas do grupo naquele momento. A identificação de lideranças à concepção da Igreja, por exemplo, pode se adaptar muito bem às conjunturas mais autoritárias, em que moradores de uma favela de ocupação ilegal necessitam desenvolver lutas de caráter defensivo, como forma de resistência às tentativas de extinção da favela pelo poder público. Por outro lado, um sujeito identificado à Igreja pode perder seu lugar de liderança em situações cuja estratégia requerida pelas bases em relação ao poder público passa a ser a de desenvolver práticas reivindicativas de cunho contestatório, aliadas a mecanismos no sentido de forçar a abertura de negociações.

É necessário ter em vista que a identidade do líder só se constrói no campo do coletivo – no interior de um grupo social determinado, o que faz dele

um ator social por excelência – mas que, contudo, esse líder é, ao mesmo tempo, um sujeito singular. Assim, esse sujeito vai atuar e falar não só como um coletivo, como representante deste coletivo, mas também como um cidadão singular, com as identificações e a subjetividade que lhe são particulares. A cada situação vivenciada a identidade do líder passa por esse conflito.

É o que se pode ler, por exemplo, na fala de um dos entrevistados, ao relatar seu aprendizado político na experiência coletiva de invasão de terra:

“Eu tive medo. Sou filha de um sertanejo que gosta das coisas no seu devido lugar. Então, me criou naquilo e tive medo. Eu não fui criada vendo ninguém invadir a nada dos outros, ninguém fazer a casa onde a pessoa não comprava aquele terreno, documentava aquele terreno. Mas meu marido falou assim: – O que os outros vai fazer eu também faço; se os outros ficarem eu fico, se outros saírem eu saio.”

Como se vê, subjaz a este relato um confronto de ordens de valores construídos em dois espaços distintos de legitimação: por um lado, o espaço individual da história familiar do sujeito, por outro, o espaço social de um outro coletivo em que este sujeito está também inserido. Esses dois espaços de legitimação são muitas vezes conflitivos e, portanto, não são superpostos com facilidade. O relato em questão aponta para este conflito, cuja solução encontrada pelo sujeito foi a de retornar ao espaço íntimo da família e de ali buscar uma nova mensagem com poder de calcionar e dar legitimidade às suas ações no espaço social mais amplo.

Por envolver em si questões que se ligam de maneira muito estreita ao cotidiano da vida das famílias, isso leva a pensar se o conflito entre estes dois espaços de legitimação não se coloca de forma mais enfática nos movimentos de moradores, dando-lhes uma relativa especificidade. Isto, em contraste com os movimentos sindicais ou partidários, por exemplo, onde as questões em causa e as próprias decisões que elas demandam aparecem menos afeitas ao plano familiar.

Independentemente disso, se, por um lado, um sujeito na situação de líder de bairro não pode prescindir do coletivo – desse espaço privilegiado da política que é a condição mesma de sua existência enquanto líder – por outro, nem sempre eles estará identificado ao coletivo ou conquistando reconhecimento nas expectativas deste coletivo. Há momentos em que as posições líder/grupo são inconciliáveis e, para o líder, manter-se nesses momentos como representante dos interesses coletivos, significa o risco de, ao confundir-se no grupo, perder sua própria subjetividade enquanto sujeito. Essa ameaça concorre para o aparecimento de situações recorrentes em que a saída para o líder é o rompimento com o coletivo ou a criação de sub-grupos em seu interior.

Assim, ao se pensar em identidade de líder deve ser levado em conta que, na relação sujeito/outro que configura essa identidade, há fracionamentos nos dois pólos da relação. Não só há fraturas e conflitos internos ao próprio sujeito, mas o outro ao qual o sujeito se identifica, e que forma um “nós” ao qual ele se inclui enquanto coletivo, lhe aparece sempre de forma fracionável, cambiável.

Isso fica bastante evidenciado nos depoimentos que serviram de base a essas reflexões. A cada situação relatada pelas lideranças pode ser observada uma variada gama de junções e disjunções na relação líder/coletivo, onde as representações que cada líder constrói de si cambiam desde sua inclusão no universo global do grupo, passando por pequenos e diferentes subgrupos até a sua total exclusão do coletivo: "eu sou eu, os outros é os outros", diz um dos entrevistados.

Para finalizar, outra questão fundamental a ser observada refere-se a um terceiro pólo que aparece sempre presente na relação líder/grupo: o Estado em suas diferentes configurações institucionais. Ou seja, a identidade de líder se constrói não só a partir de um conjunto de identificações que dizem respeito a seu grupo de referência ou mesmo à rede de instâncias políticas externas a que o grupo se articula, mas está sempre também remetida ao Estado. Em outras palavras, na visada do grupo ou na do próprio líder, a identidade deste só vem a se configurar nesse ponto de embate grupo/Estado. É como se o líder só pudesse existir como líder nesse confronto. Como se tal existência estivesse condicionada a que a relação líder/Estado contivesse – por um processo de condensação – a expressão mesma desse confronto.

Assim, observar como as lideranças se posicionam em relação às políticas públicas – nas configurações conjunturais específicas locais e sobretudo nas que dizem respeito mais diretamente aos bairros e aos conflitos de moradores – ganha particular interesse como aspecto indissociável da temática em questão.

NOTAS

¹ Pesquisa **"Movimentos Sociais Urbanos e Estado no Nordeste: a Unidade Urbana de João Pessoa"**, financiada pela FINEP e CNPq, tendo como um de seus subtemas: "Liderança e Identidade Política".

² As entrevistas – feitas com o objetivo primeiro de servir como fonte de dados à tese **"Moradia e Conflito: Os Programas de Urbanização de Favelas"**, elaborada por Ana Maria S. M. Farias junto ao Mestrado em Ciências Sociais da UFPB (1990) – nos foram cedidas para a realização da pesquisa acima referida.

³ Idéia semelhante no campo da psicanálise é encontrada em Freud: "Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal de Ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de rua, raça, classe, credo, nacionalidade, etc" ... in **Psicologia de Grupo e Análise do Ego. vol. XVIII, Pág. 163**.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, S. – **O que quer uma mulher?** Zahar, 1987.
- BLEICHMAR, H. – **O Narcisismo: Estudo sobre a Enunciação e a Gramática Inconsciente**, Artes Médicas, 1985.
- BRANDÃO, C. R. – “Os Nomes Sociais dos Tipos de Pessoas”, in **Identidade e Etnia**, Brasiliense, 1986.
- CABAS, A. G. – “O Outro: Definição e Campo”, in **Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan**, Moraes, 1982.
- COSTA, J. F. – **Psicanálise e Contexto Cultural: Imaginário Psicanalítico, Grupos e Psicoterapias**, Campos, 1989.
- FARIAS, A. M. S. M. – **Moradia e Conflito: Os programas de Urbanização de Favelas**. Tese de Mestrado. Mestrado em Ciências Sociais da UFPB, 1990.
- FREUD, S. – “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, in **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII, Imago, 1969.
- LACLAU, E. – “Os Novos Movimentos Sociais e a Pluralidade do Social” in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, número 2, ANPOCS/Cortez, 1986.
- LAPLANCHE, J./PONTALIS, J. B. – “Identificação” in **Vocabulário de Psicanálise**, Martins Fontes, 1986.
- MEZAN, R. – “Identidade e Cultura” in **A Vingança da Esfinge**, Brasiliense, 1988a.
- “A Querela das Interpretações” in **A Vingança da Esfinge**, Brasiliense, 1988b.
- NASIO, J. D. – “O Conceito de Identificação” in **Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise**, Zahar, 1989.
- PENNA, M. L. F. – **Coisa de Artista? Um Estudo sobre os Significados Sócio-Culturais da Identidade de Arte-Educador**. Projeto de Dissertação, MCS/UFPB, 1987.
- POMMIER, G. – **Freud Apolítico?** Série Sexto Lobo, Artes Médicas, 1989.
- STEFFEN, R. – “A Tópica do Imaginário” in **A Clínica da Psicose**, Papirus, 1988.

ABSTRACT

Leadership in the Leaders' Perception

What is a leader, in a leader's perception? The author confronts this question utilizing psychosocial and psychoanalytic instruments applied to popular neighborhoods in João Pessoa. This theoretical framework reveals not similar, but contrasting identities. The interviews register, in fact, a clear contradiction between the leader's identity in the individual-familial world and in the social-collective world in which he is inserted. This contradiction, in its turn, emerges as a new element in the study of relations between social movements and public policies.

RESUME

"Leadership" dans la perception des leaders

Qu'est-ce qu'un leader dans la perception d'un leader? C'est la question que l'auteur cherche à répondre, se munissant d'instruments psycho-sociaux et psychoanalytiques appliqués aux quartiers populaires de João Pessoa. Ce cadre théorique permet d'indiquer que les identités perçues ne sont pas similaires, mais contrastantes. En effet, les entretiens révèlent une nette contradiction entre l'identité du leader à l'intérieur de l'espace individuel-familial et dans l'espace sociocollectif où il s'insère. A son tour, cette contradiction émerge en tant qu'élément nouveau dans l'étude des rapports entre mouvements sociaux et politiques publiques.